

O RELIGIOSO NA POESIA DE HILDA HILST

KAMILLA KRISTINA SOUSA FRANÇA¹

PROF.^a. DR.^a. ENIVALDA NUNES FREITAS E SOUZA²

Resumo: Este trabalho é resultado de um projeto de pesquisa de Iniciação Científica em desenvolvimento, orientado pela Prof.^a Dr.^a Enivalda Nunes Freitas e Souza, no qual estudamos as imagens da religiosidade na poesia de Hilda Hilst (1930-2004). Destacaremos em primeiro momento a vida e a criação literária da poeta, buscando relacionar fatos da vida religiosa a características de sua obra. Com esse procedimento, perceberemos que as imagens da religiosidade em sua obra assumem um papel fundamental. Vale lembrar que, neste trabalho, examinamos as imagens relacionadas aos dogmas e crenças da religião judaico-cristã, buscando, para isso, subsídios teóricos de diversos críticos que estudaram Hilda. Auxiliada por essas análises, abordaremos poemas de Hilda Hilst que possuem como tema a busca de Deus, e o anseio da autora por entender a figura divina, características que fundamentam, especificamente, a obra *Poemas malditos, gozosos e devotos*. Deste modo, seremos capazes de concluir que o tratamento que Hilda direciona a Deus, a maneira como o nomeia, é o que faz da poeta uma autora inovadora. A escolha do tema “religiosidade” é justificada por ser ainda pouco estudado no meio acadêmico, mas principalmente por ser um campo surpreendente dentro de sua obra.

Palavras-chave: Hilda Hilst, literatura, poesia, religiosidade e Deus.

Abstract: This work is resulted of a project of research of Scientific Initiation in development, guided for the Prof.^a Dr.^a Enivalda Nunes Freitas e Souza, in which we study the images of the religion in the Hilda Hilst’s poetry (1930-2004). We will detach, at first moment, the poet’s the life and her literary, having searched to relate facts of the religious life the characteristics of its workmanship. With this procedure, we will perceive that the religion’s images in its workmanship assume a basic role. Valley to remember that, in this work, we examine the images related to the dogmas and beliefs of the religion Jewish-Christian, searching, for this, theoretical subsidies of diverse critics who had studied Hilda. Assisted for these analyses, we will approach Hilda Hilst’s poems that they possess as subject the search of God, and the yearning of the author for understanding the figure divine, characteristic that they base, specifically, the workmanship *Poemas malditos, gozosos e devotos*. In this way, we will be capable to conclude that the treatment that Hilda directs to God, the way as it nominates him, is what it makes of the poet an innovative author. The choice of the subject “religion” is justified by still being little studied in the half academic, but mainly by being a surprising field inside of its workmanship.

Key-words: Hilda Hilst, literature, poem, religion, God.

¹ Unidade Acadêmica: Instituto de Letras e Lingüística/UFU. Endereço: Rua Izaú Rangel de Mendonça, 650, apt 302. Bairro Jardim Finotti. Uberlândia/MG. Cep: 38408-136. E-mail: kamilla_lili@yahoo.com.br

² Unidade Acadêmica: Instituto de Letras e Lingüística/UFU. Endereço: Rua Pedro José Samora, 1286. Bairro: Santa Mônica. Uberlândia/MG. Cep: 38408-224. E-mail: eni@ufu.br

INTRODUÇÃO:

O objetivo desta pesquisa é estudar as imagens da religiosidade nas obras e, em especial, na poesia de Hilda Hilst. Já que, conforme Coelho (1980, p.71), estudiosa de seu trabalho, inicia-se com Hilda uma nova experiência existencial que cabe à poesia nomear: a busca de Deus nas coisas terrestres.

Essa busca do ser divino nos acontecimentos terrenos se dá quando a poeta o encontra em situações comuns e habituais, como a morte de animais, de crianças, a alegria do herói e fatos da natureza. A estudiosa (1980, P.291) ainda nos revela que esta busca se faz presente principalmente na poesia de Hilda pode-se, talvez, dizer que o verdadeiro motivo polarizador da poesia de Hilda, é a nova experiência religiosa que busca Deus nas coisas terrestres.

Deste modo, estudaremos as imagens da religiosidade na poesia de Hilda, especificamente no livro *Poemas malditos, gozosos e devotos*. Desdobrando esse trabalho constataremos que a presença de Deus em sua obra, em prosa e poesia, ganha grande destaque pela autora. Espera-se que esse artigo seja um convite à leitura, uma vez que a poesia religiosa de Hilda Hilst é um tema interessante e instigante.

MATERIAIS E MÉTODOS:

Para enriquecer minha pesquisa e buscando apurar o meu senso crítico na leitura de textos literários iniciei a participação no Grupo de pesquisa Criticum promovidos por professores do curso de Letras e continuei frequentando o Grupo de Estudos de Poesia, este último coordenado pelas professoras Dra. Enivalda Nunes Freitas e Souza e Dra. Elaine Cintra. Nestes encontros, entrei em contato com novas bibliografias e participei das discussões de textos muito importantes para meu estudo. Posso citar o prefácio do livro *Olhos de madeira*, de Carlo Ginzburg; e a leitura completa do livro *Regras do parque humano: uma resposta à carta de Heidegger sobre o humanismo*, de Peter Sloterdijk. Como forma de aumentar os meus conhecimentos em poesias e poetas contemporâneos, li o livro de poemas *A cidade e os lucros* de Antonio Cícero, sendo este livro muito discutido e estudado no Grupo de estudos de Poesia.

Quanto à leitura especificamente do tema religioso, que é o tema que escolhi para desenvolver meu projeto, li e estudei a obra *Ascese* de Nikos Kazantzakis, já que tal autor era muito lido por Hilda Hilst. Inclusive foi a leitura de uma de suas obras *Carta a El Greco* que influenciou a autora a se isolar na Casa do Sol buscando o conhecimento do homem. *Ascese* foi uma obra que me possibilitou entender muito a

opinião de Hilda sobre Deus expressa em *Poemas Malditos, gozosos e devotos*. Realizei o estudo também da obra *A persistência dos deuses: religião, cultura e natureza* de Eduardo Rodrigues da Cruz, onde diversas questões e concepções religiosas são postas em xeque. Além desses, estou lendo o livro *Guia Literário da Bíblia*, de Robert Alter e Frank Kermode, leitura que tem me proporcionado um embasamento teórico muito relevante no momento de analisar poesias religiosas de Hilda Hilst. É importante ressaltar que a maioria dessas leituras foi sugerida sabiamente pela minha orientadora, que corretamente vem supervisionando o resultado de tais estudos.

Em relação à obra de Hilda, li neste período o livro de poemas *Exercícios*, do qual já analisei dois poemas no artigo do meu primeiro ano de estudo de iniciação, dois outros poemas para um trabalho do X Seminário de Iniciação Científica da UFU, além de poemas analisados em um artigo publicado no VII Simpósio de Letras de Catalão (UFG). Realizei a leitura do livro *A obscena senhora D*, do qual retirei muitas opiniões da personagem sobre Deus. Da mesma maneira estudei *Da morte, odes mínimas*, buscando entender melhor a construção do texto lírico pela autora. Também li a obra *Do desejo*, na qual estudei e analisei poemas do trecho

dedicado a Deus: “Sobre a tua grande face”. E por último estudei a obra *Poemas malditos gozosos e devotos*, de onde retirei dois poemas para análise neste estudo e para o painel apresentado no SILEL 2006 (seminário internacional realizado na UFU).

No que se refere a críticas sobre a obra de Hilda Hilst, li o artigo de Antonio Carlos Viana intitulado *Sobre uma face de Hilda*, que faz referência a parte da obra de Hilda em que ela questiona Deus que seria, “Sobre a tua grande face”. Estudei artigos como: *A obscuridade da velhice feminina: rompimento do olhar na literatura*, de Susana Moreira de Lima; *Clausura na dramaturgia de Hilda Hilst*, de Leandro Silva de Oliveira; *Hilda Hilst: A obscena senhora D*, de Hajjah Zein; de Vera Queiroz li *Hilda Hilst e a arquitetura de escombros*; de Ana Lúcia Vasconcelos li *Caudalosa, recortando as palavras, eis a poeta, ficcionista e dramaturga*; de Lívia Carolina da Silva li *Hilda Hilst e a metáfora da morte*; de Yuri Vieira li *O iptuzão de Hilda Hilst*; de Edson Costa Duarte li *Fotografia ficcional em outras letras* e de Deneval Siqueira de Azevedo Filho li *Fantasia cúmplices do prazer: cacos de sonhos em **Estar Sendo. Ter Sido***. Também li dois textos de Cláudio Willer, a saber: *Amavisse, de Hilda Hilst: pacto com o hermético* e *Gnose, Gnosticismo, a poesia de Hilda Hilst*. Este

último, de fundamental importância para entender a religiosidade de Hilda Hilst. Estudei, ainda, os seguintes artigos: de Paulo César Silva de Oliveira, *Gênero, teoria e literatura: interseções multiculturais*; de Renato Suttana, o texto *A imagem da subjetividade na ficção de Hilda Hilst*; de Cidléa Barbosa Novais, estudei o texto *Transmissão – Corpos de texto em Hilda Hilst*; de ORLANDI, Luiz B. L. li o texto *Vagas entre sol e lua* e por último de Alcir Pécora, tomei conhecimento do texto *Hilda Hilst morreu. Viva Hilda Hilst!*.

Como forma de auxílio foram realizados encontros semanais de quatro horas cada, com a Orientadora, para discussão e estudo de leituras realizadas, sendo de Hilda Hilst ou de poesia em geral, que poderiam facilitar o andamento da pesquisa. Esses encontros também buscavam observar rendimentos e avanços da Pesquisa.

RESULTADOS:

O desenvolvimento deste trabalho torna-se importante no meio acadêmico por tratar-se de uma pesquisa inusitada, visando ao estudo das imagens da religiosidade na obra de Hilda Hilst, uma vez que compara os questionamentos de Hilda com o aspecto da religião judaico-cristã. Assim, esse trabalho contribuirá para a difusão da obra da escritora, que,

juntamente com outros, que buscam trabalhar a autora sobre outros aspectos, fazem com que seja creditado a Hilda um pouco do alto valor que a autora apresenta. Apoiada, neste projeto de Iniciação Científica, venho divulgando meu trabalho em eventos na Universidade e fora dela, como um Workshop intitulado “Prefácio a Hilda Hilst”, realizado na Universidade federal de Uberlândia, no dia 14 de fevereiro de 2006, com duração de duas (2) horas. Neste trabalho a apresentamos a muitos que não conheciam a obra e a vida de Hilda Hilst. Percebemos, através desse Workshop, que a poeta, cronista, ficcionista e dramaturga era pouco lida e divulgada, então resolvemos realizar um Sarau na Livraria Siciliano, no dia 25 de março, com poesias de Hilda sendo recitadas por alunos do curso de Letras que haviam frequentado o Workshop. Organizamos, posteriormente, o **II Seminário de Poesia em Homenagem a Hilda Hilst**, que se realizou nos dias 30 e 31 de março de 2006, recebendo grandes críticos na obra de Hilda, como: Profa. Dra. Cristiane Grando, Prof. Dr. Gilberto Martins, Prof. Dr. Luís André Neponuceno, Prof. Dr. Humberto Aparecido de Oliveira Guido, Profa. Dra. Maria Lúcia Castilho Romera, além dos professores da casa. Neste Seminário, apresentei a comunicação individual: *A importância das imagens da religiosidade*

na poesia de Hilda Hilst, que foi ouvida e vista pela crítica Profa. Dra. Cristiane Grando e pela orientadora Profa. Dra. Enivalda Nunes Freitas e Souza. Além disso, realizamos a apresentação da comunicação individual intitulada: *A religiosidade como um tema deslumbrante na poesia hilstiana*, no VII Simpósio de Letras: Língua(gem) e Literatura – Tributo a Mário de Andrade, que se realizou nos dias 28 a 30 de junho de 2006, na UFG (Universidade Federal de Goiás), Campus Catalão. Neste Simpósio também tive o artigo “Quem é Deus? A religiosidade na poesia de Hilda Hilst” aprovado e publicado no Cd do evento.

Apresentei a comunicação individual intitulada *A figura de Deus segundo os olhos críticos de Hilda Hilst* na 3ª Semana Acadêmica da UFU, que se realizou do dia 07 ao dia 11 de agosto de 2006. Também apresentei a comunicação individual *O tema religioso dentro da Trajetória poética do ser de Hilda Hilst*, no ENEL 2006 que ocorreu na UNB (Universidade Federal de Brasília), de 11 a 18 de agosto de 2006. Apresentei no VI Encontro Interno e X Seminário de Iniciação Científica, realizado na UFU nos dias 7 e 8 de novembro de 2006, os painéis: *A busca por Deus em Hilda Hilst* e *A religiosidade em Hilda Hilst*. Ambos posteriormente, após a aprovação, se tornaram artigos no CD do evento. Já no

VII Seminário de Iniciação Científica da Uniube, em Uberaba, realizado nos dias 9 e 10 de novembro de 2006, também apresentei um painel, este intitulado *Deus e suas múltiplas faces na poesia de Hilda Hilst*. Apresentei, ainda, no SILEL (XI Simpósio Nacional & I Seminário Internacional de Letras e Linguística), que ocorreu na UFU entre os dias 22 e 24 de novembro de 2006, o painel *A fúria das imagens religiosas em Poemas malditos, gozosos e devotos, de Hilda Hilst*. Além disso, apresentei a sessão coordenada *A presença do religioso na poesia de Hilda Hilst*, na UNIPAM (Universidade de Patos de Minas), no dia 20 de Junho de 2007.

Como se pode perceber, busco com essa pesquisa divulgar a ampla e surpreendente obra de Hilda Hilst, que merece muito respaldo juntamente com muitos outros escritores e poetas contemporâneos.

DISCUSSÃO:

Hilda revela uma visão antibíblica de Deus em sua obra, assim como nos poemas presentes na obra *Poemas malditos, gozosos e devotos*. Este livro, como está declarado na própria contracapa da obra, (PÉCORA, 2005) está todo dedicado à especulação de um sentido para o nome de deus – exangüe, oculto ou indiferente – em meio aos nomes viscerais

compostos pela poesia e pelo ofício do poeta.

Desta forma, como nos revela Pécora (2005) Todos os 21 poemas que compõem o livro têm a forma de uma apóstrofe ao Deus que se furta àquele que mais ardentemente o deseja; ao Deus cujas pistas tênues são invariavelmente deixadas sobre um caminho de pesares, nos quais, não raro, a perversidade sanguinária é a principal evidência da sua existência.

A escritora, para não se desligar do tema da religiosidade, escolheu sabiamente esta epígrafe para dar início à obra *Poemas malditos, gozosos e devotos*: “Pensar Deus é apenas uma certa maneira de pensar o mundo”, de Simone Weil. Esse “Pensar Deus”, essa idéia da figura divina está em todos os poemas da obra. Vejamos, então, um destes poemas, o XVII:

Penso que tu mesmo cresces
Quando te penso. E digo sem/
cerimônias
Que vives porque te penso.
Se acaso não te pensasse
Que fogo se avivaria não havendo
lenha?
E se não houvesse boca
Por que o trigo cresceria?

Penso que o coração
Tem alimento na Idéia.
Teu alimento é uma serva
Que bem te serve à mão cheia.
Se tu dormes ela escreve
Acordes que te nomeiam.
Abre teus olhos, meu Deus,
Come de mim a tua fome.

Abre a tua boca. E grita este nome
meu. (HILST, 2005, p.53)

Os dogmas e crenças do cristianismo são desfeitos neste momento por Hilda Hilst. Para compreendermos o quanto a visão de Hilda é subversiva e iconoclasta, vale lembrar quem é Deus para o cristianismo. Deus, para a religião judaico-cristã, é um ser superior que nos protege, cuida de nós, que tudo sabe e tudo vê, e por seu grande poder não precisa dos homens para se manter na posição divina. Contudo, a poeta nos revela que Deus só existe porque ela o pensa e que, logo, ele precisa dela. Como dizem os primeiros versos: “Penso que tu mesmo cresces/ Quando te penso.” Assim, seria a poeta que condiciona Deus, já que ele só se tornaria grande se ela o pensasse. Revelando sem reservas ou cerimônias que Ela seria a salvadora de Deus, pois se não falasse ou o pensasse ele não existiria: “E digo sem cerimônias/ Que vives porque te penso.” Almejando provar o quanto o ser superior depende da escritora, ela constrói imagens, referindo-se sempre à Bíblia, para destacar sua importância para Deus: “Se acaso não te pensasse/ Que fogo se avivaria não havendo lenha?” Também “E se não houvesse boca/ Por que o trigo cresceria?” Neste momento percebemos uma dificuldade de tangibilidade do conceito, da idéia de Deus, sendo necessária uma referência ao fogo e ao trigo. Pois desta forma seriam trabalhados imagens

presentes no universo bíblico. Deste modo, o fogo representa o próprio Deus, principalmente quanto se manifestou a Moisés na Bíblia através de uma tocha imensa de fogo. A lenha que queima e dá vida a esse fogo pode ser lembrada como a cruz, em que crucificaram Jesus, já que, para a religião judaico-cristã, este momento representa a morte, mas também a vida. O trigo, igualmente, representa Deus, pois é o alimento, a esperança de vida. Assim, Hilda seria a lenha que aviva o fogo e que o faz viver, e a boca que, tomada pela fome, planta e depois se sacia com o trigo. Podemos dizer que a atitude de lembrar-se de Deus e pensá-lo o faz crescer, assim como a presença da lenha engrandece o fogo. Igualmente, é a fome que leva as pessoas a plantarem trigo. A ousadia de Hilda se faz completa quando esclarece que ela, a serva de Deus, é que o faz existir, pensando na figura divina e escrevendo sobre Deus enquanto ele dorme.

Percebemos, na segunda estrofe, a referência, em *Idéia*, ao desejo de conceitualizar e caracterizar Deus. Revela-nos o ser divino como alguém insaciável, já que ela se dá toda a ele e Deus ainda não se satisfaz. Assim estão os versos: “Penso que o coração/ Tem alimento na Idéia.” O seu coração vive desejando Deus e sabendo que o ser superior depende dela. Hilda diz a Deus, então, “Teu alimento é

uma serva/ Que bem te serve à mão cheia.” Ela se dá toda a ele buscando saciá-lo e matar sua fome, mas não é suficiente. Revela que o faz crescer, o faz viver e o faz companhia escrevendo sobre ele: “Se tu dormes ela escreve”. Entendemos que a fome de Deus é deixar seus servos em desespero, é não se apiedar, é não se saciar com uma guerra, com uma morte, ele deseja mais: deseja ‘comer’ os seus servos, para matar a sua fome. Por último, o eu-lírico busca alertar Deus para o fato de que muitos buscam entendê-lo, e que para isso o nomeiam de maneira diversa: “Acordes que te nomeiam./ Abre teus olhos, meu Deus,” Sendo que o acordes pode se referir a ‘perceba que te nomeiam’, ou pode ser uma alerta maior um chamado para que Deus ‘ acorde’ de perceba que lhe dão nomes diversos. Como sendo a única esperança de Deus, Hilda revela: “Come de mim a tua fome./ Abre a tua boca. E grita este nome meu.” Hilda pede que ele abra a boca mas não só para comê-la e saciar sua fome divina, mas também para valorizá-la, gritando-a pelo nome, já que a vida dela seria para dedicação total a ele. Ela se sentiria como em desvantagem por escrever sobre ele, pensá-lo e engrandecê-lo e ele só abrir a boca para comê-la e não para gritar seu nome e enaltecê-la, pela ajuda. Portanto, há uma inversão do papel e da posição de Deus. Na literatura de Hilda, Deus depende

dela, pois vive em uma condição de solidão e isolamento, que só poderá ser transformada se a poeta pensá-lo e lembrá-lo a todo momento.

Hilda, como se percebe por meio do poema, faz uso, em sua obra, de imagens religiosas de modo claro e sugestivo, mas não casual. A escritora escolhe as palavras e as imagens para construir de maneira mais clara um universo de significação. Transformando a palavra “[...] de algum modo... em algo mágico.” (BORGES, 2000, p.84), aproximando o assunto do poema aos desejos do leitor. Assim, as imagens apresentadas por Hilda, de um Deus distante e omissos, muitas vezes, correspondem com o que pensamos.

Leo Gilson Ribeiro elucida que na obra da escritora “[...] não há nenhum elemento gratuito nem lúdico nesta profunda prescrição teológica”. (RIBEIRO, 1977, p.IX-XII) Por isso, é importante destacar que este é um poema que possui uma linguagem clara e comunicativa, não possuindo praticamente metáforas para caracterizar Deus. Este procedimento lingüístico se justifica porque Hilda está construindo novas concepções e dogmas acerca da figura divina, necessitando se fazer clara e objetiva para alcançar os leitores. Assim como este poema, a maioria dos outros presentes na obra *Poemas malditos, gozosos e devotos* são

considerados simples e claros com relação à linguagem.

Percebe-se, desta maneira, a presença de uma “sincera e empenhada interrogação de um sentido para a idéia de Deus.” (PÉCORA, 2005, p.9) Porém, ainda segundo este crítico (2005, p. 10) tal interrogação jamais é pacífica ou contemplativa, já que é verdade que grande parte da poesia de Hilda Hilst é largamente construída em torno de uma idéia de deus, também o é que ela jamais toma a forma da fé, e especialmente jamais a forma do discurso do crente satisfeito com o que conhece ou intui de seu Deus.

Hilda incita Deus para compreendê-lo, no entanto, como diz Alcir Pécora (2005, p.10), nos poemas deste livro, em particular, Deus não é senão dúvida, dor e ameaça do vazio. Na hipótese menos negativa, a idéia de Deus toma a forma de um “mistério” no qual as poucas respostas que se pode obter pendem sempre de sinais difíceis, escondidos, que comumente apenas manifestam a insubstancialidade ou a insuficiência essencial da matéria divina face ao desejo humano.

Segundo Ribeiro, Hilda, dentro da tônica espiritualista e cristã, humaniza o ser celestial por meio da linguagem, deixando em seus poemas a idéia de que Deus reconhece sua inferioridade em relação aos homens. Seria como um outro

deus qualquer em suas qualidades e limitações, necessitando do homem para amá-lo e engrandecê-lo.

O crítico explica, ainda, que a poeta encarava Deus como “um sádico imperfeito que esboçou seres humanos para temê-Lo e adorá-Lo.” (RIBEIRO, 1977, p.IX-XII). Segundo Anatol Rosenfeld (1970, p.10-7), Hilda possui realmente uma visão diferenciada sobre a figura divina, que para ela seria um estranho Deus teosófico que faz do homem cobaia, que o trata a porretadas como se fosse cão sarnento, enquanto ao homem cabe salvar este Deus, que como consta de uma das peças, é o lobo do homem como o homem é o lobo de Deus.

Analisando outro poema da mesma obra, percebemos que, realmente, a poeta trata Deus como um ser humanizado, imperfeito e dependente dos homens, fazendo uso de imagens religiosas comuns para nos apresentar suas novas concepções de Deus. Buscando basear-se nestas imagens para conhecer melhor o ser e a realidade, uma vez que

A imagem é transformação de forças instintivas; estas, por sua vez, respondem, em última instância, pela sua gênese. (BOSI, 1983, p.18)

Assim, a imagem na poesia assume um papel de conhecedor da realidade através do ser e do seu íntimo. Para Platão,

as imagens “[...] têm origem divina, no mundo supra-sensível [...]” (BOSI, 2001, p.28), de maneira que estas poderiam explicar a realidade de maneira ‘superior’ e, muitas vezes, mais clara.

Estou sozinha se penso que tu existes.
Não tenho dados de ti, nem tenho tua vizinhança.
E igualmente sozinha se tu não existes.
De que me adiantam
Poemas ou narrativas buscando

Aquilo, que se não é, não existe
Ou se existe, então se esconde
Em sumidouros e cimões,
nomenclaturas

Naquelas não evidências
Da matemática pura? É preciso conhecer
Com precisão para amar? Não te conheço.

Só sei que me desmereço se não sangro.
Só sei que fico afastada
De uns fios de conhecimento, se não tento.

Estou sozinha, meu Deus, se te penso. (HILST, 2005, p.41)

Percebemos neste poema uma busca pela pessoa de Deus. Como a poeta não o acha, não encontra o ser celestial, não consegue comprovar sua existência, ela se sente sozinha, uma vez que não localiza quem tanto almeja e procura. Seria como se Deus fugisse dela não deixando pistas de onde vive, nem dados e provas de sua existência, como entendemos por estes versos: “Estou sozinha se penso que tu

existes.”, isso porque “Não tenho dados de ti, nem tenho tua vizinhança.”. Porém, se Deus não existisse seria pior, pois em vão teria sido toda a procura: “É igualmente sozinha se tu não existes.” Desta maneira, toda a produção literária juntamente com um exercício humano de busca e procura almejando o ser divino teria sido perda de tempo: “De que me adiantam/ Poemas ou narrativas buscando/ Aquilo, que se não é, não existe/ Ou se existe, então se esconde/ Em sumidouros e cimios, nomenclaturas” Assim, nestes versos o eu-lírico ironiza o fato de Deus não se revelar, escondendo-se em cimios para que os nossos olhos não possam alcançá-lo, ou apenas desaparecendo de nossas vistas. Deus também se esconderia em nomenclaturas, provavelmente nomes que os religiosos o atribuem pela fé. E é pela fé que as pessoas acreditam no que não vêem, ou seja, “Naquelas não evidências”. Percebemos que a poeta destaca a literatura como ainda ineficaz no perscrutar de Deus, revelando dúvidas “se tu existes” e “se não é, não existe”. Sendo, deste modo, que nem a escritora possui uma definição fechada, definida ou até mesmo parca e superficial. Mas depois notamos que todas as ferramentas não foram suficientes para entender Deus, inclusive diversas áreas da ciência. Contudo, não se tendo fé, o eu - lírico tenta preencher esta lacuna com o conhecimento de outras ciências, porque

talvez, assim, atingisse o entendimento acerca do ser divino. Está expressa nesses versos tal crença: “Da matemática pura? É preciso conhecer/ Com precisão para amar? Não te conheço.” Toda essa tentativa não passa de uma obrigação do eu - lírico, já que a busca por alguém superior engrandeceria seu entendimento do mundo: “Só sei que me desmereço se não sangro. / Só sei que fico afastada/ De uns fios de conhecimento, se não tento.” Essa dúvida seria uma forma sincera e fiel de tentar um sentido para Deus, revelando a condição humana de dependência de Deus, apesar de toda ciência. Assim, o sujeito lírico conclui que, de ambas as maneiras, tanto Deus existindo quanto não existindo, ele estaria só, pois não o alcançou ou o entendeu: “Estou sozinha, meu Deus, se te penso.” Deus, então, se existisse, não estaria preocupado com nossas aflições ou angústias. De mesmo modo, não se importaria em nos provar sua existência para confortar ou aquietar-nos. Somente o fato de pensar Deus para a poeta já seria estar sozinha, revelando uma condição humana de solidão que todos nós estamos sujeitos. Assim como Davi, nos Salmos, e Jesus, na cruz, já diziam a Deus “Por que me abandonastes?”.

Examinando o poema percebemos que, como Pécora (2005, p. 12) disse o pensamento de Deus é, em essência, uma entrega à mais apavorante solidão. Isto é,

pensar Deus é, no limite, compor na própria carne um discurso de ausência, do desejo sem nenhuma correspondência.

Deus não seria esse ser divino oculto e de existência duvidosa, segundo o cristianismo, já que em diversos momentos na Bíblia ele se revela aos seus fiéis. Ele se apresenta como uma visão para Abrão e o orienta como agir em Gênesis capítulo 15, versículo 1; em outro momento aparece para Jacob em um sonho e do mesmo modo oferece instruções de como se comportar em certas situações, trecho presente em Gênesis 28, versículo 13; e, como último exemplo, Deus se revela a Moisés como uma labareda (sarça) de fogo, novamente pelo mesmo motivo: o de orientá-lo e ajudá-lo, fato registrado em Êxodo 3, versículos 2 a 4. Deste modo podemos entender que as formas epifânicas de Deus não agradam à poeta, já que ela só vê morte, guerra. Isso porque ela não poderia ver a epifania em coisas simples: nascimentos, amores e natureza. Já que, por outro lado, o homem moderno jamais pôde contemplar estes milagres, que ocorrem nos momentos mais simples e aparentemente supérfluos de nossas vidas.

Além disso, segundo a Bíblia, nunca estamos sozinhos, principalmente se buscamos a Deus, como testificam as palavras de Davi:

Na minha angústia,
invoquei o SENHOR,
gritei por socorro ao

meu Deus. Ele do seu templo ouviu minha voz, e o meu clamor lhe penetrou os ouvidos. (BÍBLIA, p.687).

Igualmente, encontramos em Salmos 12: “Sim, SENHOR, tu nos guardarás; [...] nos livrarás para sempre.” (idem, p.684) Deste modo, percebemos que Deus, segundo a religião judaico-cristã, se preocupa conosco e está sempre ao nosso lado, pra que nunca nos sintamos sozinhos. Trata-se, portanto, de uma questão de fé, ou seja, de uma experiência de fé.

Em oposição a estas idéias, como percebemos em ambas as poesias, Hilda compõe sua obra, segundo Blumberg (2003, p.49) implorando um Deus infinitamente distante do ser humano afogado em violência, cobiça, mentira, falsidade e morte.

Destacamos, ainda, que a escritora se preocupa em colocar sempre letras maiúsculas quando se refere a Deus nos poemas, pois busca confirmar, enfatizar e esclarecer que é justamente do Deus do cristianismo que ela fala. Como a própria autora Hilda Hilst desejava entender Deus, confirmamos que ela repassa à sua obra um desejo íntimo seu de compreender e alcançar o ser celestial. Expõe dúvidas e interrogações sobre o futuro, a morte e a religiosidade que perturbavam o mais profundo de seu ser. Seus personagens e

eu-lírico, portanto, estão sempre em busca de Deus e se mostram desejosos de uma revelação acerca da figura divina. Desta forma, segundo Coelho (1980, p285), Hilda parte do Deus conhecido até hoje pela cultura cristã: o do “homem da queda”, para em seguida acenar para o novo Deus.

Desta forma, “Sua criação se tece em busca do Sagrado, do Absoluto e do Amor [...]” (COELHO, 1999, p.78) almejando, pelo visto, encontrar e entender a figura divina.

Logo, Hilda debate acerca da visão religiosa judaico-cristã para contrariá-la, pois falar do cristianismo é algo altamente poético:

[...] de todas as religiões a cristã é a mais poética, a mais humana, a mais favorável à liberdade, às artes e às letras [...] (CHATEAUBRIAND, 1802, p.113).

Assim, falar de Deus é mais poético para Chateaubriand (1802, p.117-8) do que falar sobre os deuses da antiguidade, segundo ele aí está a grande vantagem de nosso culto sobre os cultos da antiguidade; a religião cristã é um vento celeste que infla as velas da virtude e multiplica as tempestades da consciência em torno do vício.

Todo esse ideário que Hilda possui e revela em sua poesia a cerca de Deus,

localizamos também assim retratado na obra *Ascese: os salvadores de Deus*, de Nikos Kazantzakis. Este crítico direciona a sua fala ao poeta e diz: “[...] está em suas mãos libertar a centelha, que é Deus, que é a Criação.” (KAZANTZAKIS, 1959, p.11) Como o subtítulo do livro, já nos desvenda que quando nós louvamos e engrandecemos a Deus fazemos com que ele exista, com que ele perdure na existência. Entende-se, neste momento, o poder da palavra de dar vida ao ser divino. Deus é inseguro, está sozinho, e não possui o mundo e o destino em suas mãos como nos revela a Bíblia, pois (KAZANTZAKIS, 1959, p.87) seu Deus luta sem certeza: poderá vencer? Será vencido? Nada é certo no universo; atira-se, pois na incerteza, e arrisca a cada instante o seu destino.

Por essa incerteza insegurança, dúvidas e medos, Deus depende de nós, se segura em nós e suga muito de nós. Sendo sua esperança de vida, ele, sendo Kazantzakis (1959, p. 87) agarra-se aos corpos vivos, pois não dispõe de outra proteção. Grita por socorro e convoca a mobilização do universo inteiro.

E Hilda percebe um Deus falho, solitário e angustiado, ansiando ajudá-lo. Logo assim entendemos que quando Nikos Kazantzakis revela (1959, p.96) que seu Deus não é só bondade: ele é duro, sua justiça é selvagem, sem misericórdia; ele

só escolhe o melhor. Não tem pelos homens e pelos animais, pelas virtudes e pelas idéias, nenhuma espécie de clemência. Ele as ama por um instante, as esmaga para sempre, e passa.

Mais esclarecedor é acrescentar que “Deus não é sabedoria. Seu cérebro é um desenrolar de luz e trevas no labirinto da carne.” (KAZANTZAKIS, 1959, p.86), e que “[...] Fica tomado de angústia sobrepassando ao caos.” (KAZANTZAKIS, 1959, p.87)

Nikos Kazantzakis, então, finaliza sua obra revelando-nos um Deus muito parecido com o Deus que Hilda apresenta em seus poemas, ou seja, um ser divino muito humanizado. Assim conclui (1959, p. 88), que Deus está em perigo! Não é todo-poderoso; se o fosse, poderíamos dar por certa a sua vitória, e ficar de braços cruzados. Não é só bondade, e por isso não podemos esperar tranqüilamente que tenha piedade de nós.

Quando entendemos as falas de Hilda, em que revela que a sua obra é uma busca ininterrupta por Deus, como disse em várias entrevistas, buscamos entender o quanto esse é um tema recorrente em sua obra, e o quanto foi influenciada por este crítico grego.

Conforme declarou à revista “Cadernos da Literatura Brasileira”, seu tema predileto era a figura divina:

Posso blasfemar muito, mas o meu negócio é o sagrado. É Deus mesmo, meu negócio é com Deus.” (HILST, 1999, p.30)

Revelando ainda em uma entrevista a Sônia de Amorim Mascaro, que almejava o ser divino:

E eu desafiei-O muitas vezes em meus livros como uma blasfêmia para ver se de repente dava um furor Nele e Ele dizia: ‘está bem, eu estou aqui.’, ou seja o que for, surgisse qualquer luz impressionante, qualquer coisa, que me pudesse dar pelo menos uma explicação de algum ato mínimo da vida. (MASCARO, 1986, p.5)

Esse desejo da escritora pela figura divina, deste modo, se estende por diversas de suas obras. Percebemos isso em *Amavisse* (1989), em que, segundo Leo Gilson Ribeiro (1989, p.3) a temática de livros anteriores ressurge. Deus incognoscível, talvez cruel por critérios humanos, talvez remoto em uma galáxia inacessível à imaginação ou à concepção meramente humanas.

Igualmente, em *A obscena Senhora D* (1982), a personagem Hillé, a senhora D, questiona a Ehud sobre Deus:

...como será a cara DELE hen? é só luz? uma gigantesca tampinha prateada? não

há um vínculo entre ELE e nós? não dizem que é PAI? não fez um acordo conosco? fez, fez, é PAI, somos filhos. não é o PAI obrigado a cuidar da prole, a zelar ainda que a contragosto? é PAI relapso? (HILST, 2001, p.38)

Porém, como já ficou claro, Hilda trata Deus de maneira humanizada, assim o personagem pergunta se Deus teria ânus: “Ai, Senhor, tu tens igual a nós o fético buraco?” (HILST, 2001, p.45) Este fato leva Hillé a questionar se Deus deveria ser louvado uma vez que possui características comuns a todo ser humano:

Ó buraco, estás aí também no teu Senhor? Há muito se louva o todo espremido. Estás destronado quem sabe, Senhor, em favor desse buraco? (HILST, 2001, p.45)

Destacamos que a obra de Hilda Hilst é “[...] uma busca sincera, desesperada, do Deus esquivo e inalcançável, incognoscível [...]” (RIBEIRO, 1999, p.81). Ainda parafraseando as palavras deste crítico (1999, p.80), a escritora duvida de Deus e cria questionamento buscando uma resposta para a dúvida sobre a sua existência. Logo Hilda Hilst põe em dúvida a existência de Deus e oscila entre a suprema esperança de haver um significado maior e recôndito para a vida

humana e um niilismo que de tudo descrê – e por força disso, ergue blasfêmias contra Deus e injúria o que seriam impiedades divinas – para o caso de Deus existir -, no tocante às orações e súplicas dos seres humanos.

Por conseguinte, a escritora, em *Poemas malditos, gozosos e devotos* (1984), destaca Deus como dono dos homens e de ossos, mas esclarece que não entende o prazer divino em ‘construir’ seres que estão sempre buscando se assemelhar a ele. Assim percebemos no poema V desta obra:

Para um Deus, que singular prazer.
Ser o dono de ossos,
ser o dono de carnes
Ser o Senhor de um breve Nada: o homem:
Equação sinistra
Tentando parença contigo, Executor.
(HILST, 2005, p.23)

Entende-se, a partir desses versos idéias que Hilda defenderá por toda a sua obra. Deus não se preocupa com nossa alma, nossos sentimentos, as angústias de nosso coração, uma vez que Ele é o Deus de “ossos” e “carnes”.

Há, também, em *Ficções* (1977) um diálogo entre os personagens em que discutem acerca da figura divina. Vejamos:

Então, minha velha,
Deus também faz assim conosco, só que as cobaias somos nós e

existimos e estamos aqui para salvar esse Deus que nos faz de cobaias. Não, não. Se Deus fosse esse que você diz, Ele teria mais fascínio e mais prestígio. Olha, você quer saber? Eu acho que Deus se alimenta de todas as nossas misérias. (HILST, 1977, p.273)

Nota-se que Hilda busca abalar as estruturas de crenças e dogmas da sociedade atual. Para isso, a poeta realiza uma interrogação radical que é provocada por essa nova experiência religiosa que tenta re-descobrir a religião no sentido original da palavra “re-ligio”: a re-ligação do homem ao universo cósmico/divino do qual foi separado ao nascer. Tais idéias a cerca da obra hilstiana são defendidas por Coelho (1980, p.291).

Percebemos nos poemas de Hilda a sua busca por palavras mais apropriadas, que sejam capazes de dar corpo e forma a essa idéia de Deus como um ser dependente dos seres humanos e com condições humanas de tristeza e solidão, levando o leitor à compreensão. De tal modo, analisou Nelly Novaes Coelho (1980, p.301) que a pequena recolha de EXERCÍCIOS PARA UMA IDÉIA (1967), já pelo título indica sua natureza: são exercícios de forma que, sem dúvida, correspondem a uma dupla exigência: a da poeta em busca de uma nova linguagem que pudesse dar corpo adequado à sua

inquietação e nova “mensagem”; e a da época experimentalista que exigia aos criadores uma exacerbada e obsessiva preocupação com a destruição/construção formal.

Deste modo, Coelho (1980, p.301) diz que Hilda se “exercita” em um experimentalismo mais conceptual do que formal, acerca da idéia de Deus e do Amado.

Desta maneira, mais uma vez, Hilda encara Deus como um ser diferente do cristianismo. Deus seria um ser comum que necessita de descanso: “É noite. O ser descansa”.

Nota-se por meio da leitura da obra de Hilda que os personagens da escritora não conhecem esse Deus acolhedor. Assim, Coelho (1980, p.293) que o eu - lírico de Hilda Hilst intui Deus não mais como a divindade transcendental do Antigo e Novo Testamento (totalmente separada do homem e absoluta em sua espiritualidade e eternidade), mas como a complementação divindade/humanidade que produzirá a transfiguração do mundo/ homem/ Deus. Essa procura pela figura divina permanece na obra *Cartas de um Sedutor* (1991), em que o personagem, autor de cartas direcionadas a sua irmã, escreve: “O que nos resta é a orfandade. Não é que sentimos falta de pai e mãe. Somos órfãos desde sempre. Órfãos d’Aquele.” (HILST, 2002, p.61) O narrador, assim, não acredita

que Deus cuida dele e de sua irmã, assumindo a função de seu pai. Além disso, o personagem - sedutor afirma que:

O Criador deve ter um enorme intestino. Alguns doutos em ciências descobriram que quanto maior o intestino, mais místico o indivíduo. E quem mais místico do que Deus? Grande intestino, orai por nós. (idem, p.78-9)

Ele confirma, com essa idéia, seu desconhecimento sobre Deus, devido ao misticismo divino e as imagens relacionadas a Deus: imagens grotescas como: intestino, cú. Sendo que estas são imagens que humanizam e diminuem Deus.

Formalizando a busca pela figura divina, Hilda Hilst nos revela em um de seus poemas que se fez poeta por não entender Deus e, assim, ter medo da morte. O poema se encontra na obra *Da morte. Odes mínimas*. Nele deparamos Deus escrito de letra minúscula, mas isso não diminui o anseio da poeta pelo sagrado. Observemos o poema:

[...]
Me fiz poeta
Porque à minha volta
Na humana idéia de um deus que
não conheço
A ti, morte, minha irmã,
Te vejo. (HILST, 2003, p.60)

Entendemos, conseqüentemente, que na obra de Hilda se faz presente uma grande dúvida em relação a Deus. O que faz com que os personagens de suas obras (e seu eu-lírico), em algum momento, direcionem questionamentos à figura divina. Não obtendo resposta, este ato gera mais perguntas e frustrações. Esse desejo faz-se presente em quase todas as suas obras por se tratar de um anseio da poeta, já que possuía: “Uma alma que procura[va] cega, obsessiva, pelo indizível que nos disseram haver um dia: Deus.” (ABREU, 1982)

Estas são apenas algumas das obras em que Hilda Hilst revela, por meio de seus personagens, a sua busca por Deus.

CONCLUSÃO:

Concluimos este artigo afirmando a importância de estudar a figura divina dentro da obra de Hilda Hilst, por ser um tema deslumbrante, ao mesmo tempo em que é pouco estudado. Além disso, merece destaque, pois a poeta cria novas concepções de Deus desenvolvendo uma escrita muito apropriada, já que entrariam as imagens grotescas, de fragilidade, de insegurança para tratar do tema. Deste modo, Pallottini (1999, p.118) destaca que Não por acaso, o alvo primeiro seria mesmo Deus que antes habitava a Idéia e sustentava a ilusão de todo – esse

equivalente algébrico e abstrato das vãs promessas de salvação.

Assim, Hilda expõe a idéia de que Deus não passa de um ser solitário, dependente do homem para existir. Surge para essa fundamentação, como nos diz Moraes (1999, p.119), um confronto entre o alto e o baixo, além de subverter a hierarquia entre os dois planos, tem, portanto, como conseqüência última, a destituição da figura divina como modelo ideal do homem. A poeta, deste modo, questiona muitas concepções do cristianismo, sobretudo a de que Deus é considerado um ser supremo, perfeito, poderoso para realizar ações impossíveis, como separar o mar, ressuscitar pessoas e curar doenças incuráveis. Segundo Hilda, Deus não escutaria nossas orações e preces, pois é pequeno demais para atendê-las. Como modo de concretizar seu pensamento, Hilda questiona em muitos momentos se Deus é realmente merecedor de nosso amor e admiração, quebrando todos os pilares do cristianismo sustentados pela devoção e admiração ao ser divino.

Na revista *Bravo*, em edição especial com uma classificação de 100 livros essenciais, o 28º livro classificado é “A obscena senhora D”, de Hilda Hilst. Neste trecho da revista o autor não mencionado, revela que Hilda Hilst seria como Clarise Lispector, porém mais

radical em suas obras, sem esclarecer e revelar nenhuma possibilidade de redenção.

Para finalizar, é importante lembrar o que a poeta Beatriz Azevedo quando revelou, em entrevista ao *Jornal Folha de São Paulo*, que sua “intuição diz que Hilda vai ser uma das [escritoras] mais lidas deste milênio” (FIDALGO, 2005, p.E6). E ela tinha toda razão, já que podemos encontrar em diversas obras trechos de produções literárias de Hilda. Por exemplo, na obra *Os cem melhores contos do século*, com seleção de Ítalo Moriconi, nos deparamos com o conto “Gestalt” de Hilda Hilst. Assim como n’*Os cem melhores poemas do século*, do mesmo seletor, encontramos os trechos I, II, III e IX da obra *Alcoólicas* (1990) e fragmentos da obra *Do desejo* (1992). Esta admiração pela obra de Hilda também gera a presença de um trecho de *Contos D’Escárnio/Textos Grotescos* (1990), nomeado “A especialidade de Liló”, no livro: *As 100 melhores histórias eróticas da literatura universal*, organizado por Flávio Moreira da Costa. Além disso, antes de apresentar propriamente o trecho da obra de Hilda, Flávio da Costa (2003, p.572) realiza uma introdução apresentando a autora, e diz um pouco sobre suas obras erótico-obscuras. Assim, ele nos diz que já com uma reputação feita de prêmios e boas críticas, ela resolve surpreender seus confrades e chocar seus

leitores, ao publicar livros ousados e abertamente eróticos, como a querer apagar a tênue linha que separa o erotismo da palavra “pornografia”, e a retirar dessa última sua carga negativa.

Hilda também está presente no livro *Antologia poética da Geração de 45*, organizado por Milton de Godoy, onde encontramos o poema “XI” presente no “Canto Terceiro” da obra *Balada do Festival* (1955), da escritora. O mesmo registro ocorre em *Os cem melhores poetas brasileiros do século*, de José Nêumane, em que nos deparamos com o poema “XLIX”, da obra *Do desejo* (1992).

Como último exemplo, deparamo-nos com uma sugestão de leitura do livro *Estar Sendo, Ter Sido* (1997), no Jornal Folha de São Paulo, do dia 15 de julho de 2006, na secção “Ilustrada”, em que explicam:

Por que ler: É o último texto ficcional da escritora, resumindo seu pensamento radical, variando do pornográfico à criatividade no uso de neologismos. (sem assinatura, 2006, p.E7)

Estas opções, de diversos escritores, pela obra de Hilda Hilst, só provam a ótima qualidade de sua produção literária, que varia em prosa, poesia e teatro. Dentre tantos outros temas instigantes postulados pela escritora, está a

figura divina sempre e a busca por seu entendimento como fator fundamental para sua felicidade e entendimento do universo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ABREU, Caio Fernando. Sobre A obscena senhora D. Disponível: <<http://www.angelfire.com/ri/casadosol/criticacfa.html>>. Acesso em: 7 mar. 2006.

BÍBLIA Sagrada. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000. 1316 p.

BLUMBERG. Mechthied. Hilda Hilst: paixão e perversão no texto feminino. In: D.O. Leitura. São Paulo: Imprensa Oficial de São Paulo. Ano 21, n.05, p.45-58, 2003

BORGES, Jorge Luis. Esse ofício do verso. São Paulo: Companhia das letras, 2000.

BOSI, Alfredo. O ser e o tempo da poesia. São Paulo: Cultrix, 1983.

BOSI, Viviana. A imagem na poesia: Jorge de Lima. In: O poema Leitores e Leituras. BOSI, Viviana et alli (org.) São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

BRAVO – Edição especial: 100 livros essenciais. São Paulo, 2006. 114p.

CHATEAUBRIAND, François René. O gênio do cristianismo (excertos). In: LOBO, Luíza. Teorias poéticas do Romantismo. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987. p.113- 122.

COELHO, Nelly Novaes. A poesia obscura/luminosa de Hilda Hilst e a “metamorfose” de nossa época. In: HILST, Hilda. Poesia: 1959-1979. São Paulo: Quíron, 1980.

_____. Da poesia. In: Cadernos da Literatura Brasileira. São Paulo: Instituto Moreira Sales, 1999. p. 66-78.

_____. Dicionário Crítico de Escritoras Brasileiras. São Paulo: Escrituras Editora, 2002. p. 264-267.

CAMPOS, Milton de Godoy (org.). Antologia poética da Geração de 45. São Paulo: Clube de Poesia, 1966. p. 114-115.

COSTA, Flávio Moreira da. As 100 melhores histórias eróticas da literatura universal. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003. p.572-3.

FIDALGO, Janaina. Hilst emerge de encontro de seus pares. In: Folha de São Paulo. São Paulo, 8 de março de 2005.

GRANDO, Cristiane. A poesia de Hilda Hilst: em busca de estruturas complexas. In: D.O. Leitura. São Paulo: Imprensa Oficial de São Paulo. Ano 21, n. 08, p.39-43, 2003.

HILST, Hilda. Amavisse. São Paulo: Massao Ohno, 1989.

_____. A obscena Senhora D. São Paulo: Globo, 2001. 107 p.

_____. Cartas de um sedutor. São Paulo: Globo, 2002.

_____. Da morte. Odes mínimas. São Paulo: Globo, 2003. 106 p.

_____. Exercícios. São Paulo: Globo, 2002. 272 p.

_____. Ficções. São Paulo: Quíron, 1977.

_____. Poemas malditos, gozosos e devotos. São Paulo: Globo, 2005. 92 p.

KAZANTZAKIS, Nikos. Ascese: Os Salvadores de Deus. Rio de Janeiro: Record, 1959.

LEOCÁDIO, Maria das Graças. Hilda Hilst. In: D.O. Leitura. São Paulo:

Imprensa Oficial de São Paulo, p. 6-7, 2004.

MASCARO, Sônia de Amorim. Hilda Hilst. Uma conversa emocionada sobre a vida, a morte, o amor e o ato de escrever. Jornal da Tarde. São Paulo, 21 jun. 1986.

MORAES, Eliane Robert. Da medida estilhaçada. In: Cadernos da Literatura Brasileira. São Paulo: Instituto Moreira Sales, p. 114-126, 1999.

MORICONI, Italo (org.). Os cem melhores contos do século. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p.332-333.

_____. Os cem melhores poemas do século. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 289-290, 293-295.

PINTO, José Nêumanne. Os cem melhores poetas brasileiros de século. São Paulo: Geração Editorial, 2001. 230p.

PALLOTTINI, Renata. Do teatro. In: Cadernos da Literatura Brasileira. São Paulo: Instituto Moreira Sales, p. 97-113, 1999.

PÉCORA, Alcir. Nota do Organizador. In: HILST, Hilda. Exercícios. São Paulo: Globo, 2002. p. 7-10.

PÉCORA, Alcir. Nota do Organizador. In: HILST, Hilda. Poemas malditos, gozosos e devotos. São Paulo: Globo, 2005. p.9-12.

RIBEIRO, Leo Gilson. [Apresentação]. In: HILST, Hilda. Ficções. São Paulo: Quíron, 1977. p. IX-XII.

_____. Da ficção. In: Cadernos da Literatura Brasileira. São Paulo: Instituto Moreira Sales, 1999. p. 80- 96.

_____. Luminosa despedida. In: Jornal da tarde. São Paulo, 4 de mar. de 1989. p.3

ROSENFELD, Anatol. Hilda Hilst: poeta, narradora, dramaturga. In: Hilst, Hilda. Fluxo-Floema. São Paulo: Perspectiva, 1970. p. 10-7

Sem assinatura. Vitrine. Folha de São Paulo Sábado 15 de julho de 2006. p. E7

SILVA, Rafael Rodrigues. Um baú de leis, hinos, cantos, mitos e sagas. In: Biblioteca Entre Livros. Ano 1, n° 2. São Paulo: Duetto editorial. p. 20-36.

SOARES, Macedo. Cantos da solidão [Impressões de leitura]. EAP, 1857. n° 3-4. 397 p.

